

De Lisboa a São Paulo: o itinerário profissional do engenheiro português Victor da Silva Freire Júnior. Um aporte documental¹

From Lisbon to São Paulo: The Professional Itinerary of Portuguese Engineer Victor da Silva Freire Junior. A Documental Contribution

ADALBERTO DA SILVA RETTO JR

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Unesp - Bauru

RESUMO Ao seguir o itinerário de formação profissional de Victor da Silva Freire Jr. nas escolas, em Congressos Internacionais de Urbanismo, congressos setoriais, exposições internacionais e nos *Congrès de la Route*, descortinou-se um grande fluxo de outros profissionais com atuações no território e perfis muito distintos, evidenciando momentos diferentes da expansão política estrangeira da França no Brasil. Destacam-se nesta pesquisa o papel formativo da *École des Ponts et Chaussées* em vários engenheiros que atuaram no Brasil, as referências aos urbanistas do cenário internacional e, sobretudo, os primeiros congressos internacionais de urbanismo realizados, dos quais Freire participou.

Palavras-chave urbanismo internacional – Victor Freire – urbanismo no Brasil.

ABSTRACT *A flood of professionals with very distinct profiles and activities in this area was revealed during our investigation following the professional path of Victor da Silva Freire Jr. through the schools he attended, the international urbanism congresses, industry conferences, international exhibitions and the Congrès de la Route, highlighting different moments of the French foreign policy expansion in Brazil. Worth of note in this research is the formative role of the École des Ponts et Chaussées on several engineers who worked in Brazil, in addition to references regarding urbanists in the international scene and, particularly the first international urban planning conference, in which Freire participated.*

Keywords *international urbanism – Victor Freire – urbanism in Brazil.*

Introdução

A pesquisa documental, relativa à trajetória intelectual de Victor da Silva Freire Júnior e realizada em arquivos de instituições internacionais de ensino, principalmente francesas, portuguesas, belgas e italianas, descortinou problemas significativos que explicitam processos efetivos de transferências culturais em bases transnacionais, relevantes para a compreensão dos saberes técnicos e teóricos sobre a cidade e as práticas aplicadas na consolidação de uma cultura urbana.

Trilhar esses itinerários transatlânticos de mudanças e de circulação de homens, competências e projetos permite enriquecer os conhecimentos no âmbito geográfico/cultural europeu ou latino-americano, a partir da aquisição

de novos elementos fundamentais aos estudos da História da Urbanização nos séculos 19 e 20, posto que “... seguir o fio do itinerário particular de um homem implica inscrevê-lo num grupo de homens que, por sua vez, são situados na multiplicidade dos espaços e tempos de trajetórias convergentes”.²

Países como Brasil, Argentina e Venezuela, os quais tiveram, entre os séculos 19 e 20, um rápido crescimento consolidado pelas fortes imigrações, *são multiculturais por definição; suas grandes cidades são um retrato de* traços físicos que testemunham a passagem e o assentamento de pessoas de diferentes origens e trazendo, em suas bagagens, conhecimentos que, com o tempo, foram contaminados com os de outras culturas originárias do local ou não.

Para maior compreensão do debate urbano existente em São Paulo no início do século 20, é necessário apoiar-se em algumas ideias e práticas correntes que, por um lado, têm relação com o fenômeno de internacionalização do debate urbanístico típico do período 1880-1914 e, por outro, *com a circulação e a atuação* no território nacional de profissionais brasileiros e estrangeiros que vieram para o nosso país.

Apesar da importância de Victor da Silva Freire Júnior na cena paulista e do fato de sua relação com as ideias internacionais sobre urbanismo estarem registradas, de forma primorosa, em alguns trabalhos como os de José Geraldo Simões Junior³ e de Carlos Roberto Monteiro de Andrade,⁴ um primeiro aporte documental sobre seu caminho profissional revelou três questões historiográficas importantes em uma trajetória transatlântica. São elas:

1. No contexto nacional, a difusão e a excessiva repetição de uma sintética biografia que assumiu, ao longo da história, valor documental inquestionável, fazem com que dados importantes como sua nacionalidade, seu percurso e participação em congressos fora do Brasil fossem repetidamente citados sem a devida comprovação;
2. Em função da alternância de nacionalidade (ora portuguesa, ora brasileira) nos registros documentais do personagem, no contexto português seu nome não consta das listas de engenheiros portugueses, elaboradas por grandes estudiosos como Ana Cardoso de Matos.⁵ A ausência é significativa, a partir do momento em que o personagem em estudo participa do mesmo fluxo de complementação formativa dos engenheiros portugueses formados pela Escola Politécnica de Lisboa;
3. Em geral, devido à atuação do profissional em diversos contextos, sem uma cuidadosa verificação de sua formação e do perfil da(s) escola(s) de origem, aceita-se um possível deslize de competência que leva a afirmações do tipo “Victor Freire – o Urbanista”, sem entender a exata conjuntura profissional e política de seu percurso formativo .

Em um primeiro momento, as três questões elencadas explicitam a premência de estudos comparativos referentes às tradições interpretativas, opções de recortes, ângulos e escalas de observação por parte do historiador. Em um segundo, evidencia-se a importância de uma acurada abordagem da pesquisa histórica, o que implica não só a utilização de instrumentos diversos, mas também uma rigorosa exploração de arquivos, fontes materiais e cruzamento das mesmas, com o objetivo de documentar-se e conhecer esses personagens.⁶

Somente sob tal perspectiva é que alguns trabalhos clássicos como os supracitados podem ser revisitados: recolocando o problema e recompondo um novo e articulado cenário do nosso personagem em uma análise em rede, através das interações entre seus diversos componentes. Dessa forma, acaba-se ressaltando as dinâmicas e as relações, operando confrontos e identificando denominadores comuns nos dois lados do Oceano Atlântico: dos motes revolucionários coloniais, passando pela Revolução Industrial e suas instâncias de globalização. Assim, pode-se trabalhar efetivamente a circulação de ideias, de homens e de saberes não como uma simples expansão das várias tradições imperiais, mas do ponto de vista da geografia ao longo do tempo, englobando elementos múltiplos do período moderno nos dois continentes, em seus movimentos e dinâmicas, concebendo a história como um processo.⁷

O objetivo deste texto é revelar o processo ainda inconcluso de um percurso por arquivos, cujos primeiros resultados já apontam novas possibilidades de interpretação. Por um lado, este trabalho fundamenta-se em ideias e práticas correntes relacionadas ao fenômeno de internacionalização do debate urbanístico, típico do período, e que, em certa medida, está referenciado no grande número de textos escritos por Victor da Silva Freire Júnior. Por outro,

busca seguir rigorosamente o percurso desse profissional na Europa, para que cada escala e cada plano de observação possam descortinar e inserir novas variáveis no processo, na tentativa de captar a forma mais complexa do fenômeno. Assim, escolas frequentadas, revistas consultadas, manuais estudados, livros adquiridos, pessoas encontradas, obras arquitetônicas vistas durante as estadias no exterior, trabalhos apresentados incluindo-se a análise das bibliotecas às quais teve acesso, relação de professores, programas dos cursos e registros dos alunos, ações dos congressos assistidos e catálogos das exposições organizadas no período considerado são os documentos que embasaram esta análise.

Nesse sentido, a perspectiva comparada em uma amplitude transoceânica constitui a estratégia central desta investigação, pois o problema das escalas é a causa mais intrínseca e nobre proposta ao pesquisador pelos movimentos migratórios. É justamente nessas escalas que os fenômenos serão observados. Parte-se, portanto, da «economia atlântica» e do mercado internacional do trabalho, da formação dos engenheiros (e de como se dava essa formação entre os séculos 19 e 20), até o indivíduo singular com suas questões privadas, que são acionadas na busca de subsídios para explicações mais articuladas.

O Engenheiro português Victor da Silva Freire Júnior: Lisboa, 1869 a 1890⁸

Segundo o livro de Batismo da Paróquia da Lapa⁹ e sua cópia certificada¹⁰ de 1874, que consta no Processo Individual de aluno da Escola Politécnica de Lisboa, Victor da Silva Freire Júnior nasceu no dia 22 de outubro de 1869 às 3h30 da tarde e foi batizado pelo Doutor Custódio Nunes Borges de Carvalho no dia 2 de dezembro, na paróquia da Lapa em Lisboa. A seguir, cópia da página do referido Livro de Baptismo:

56

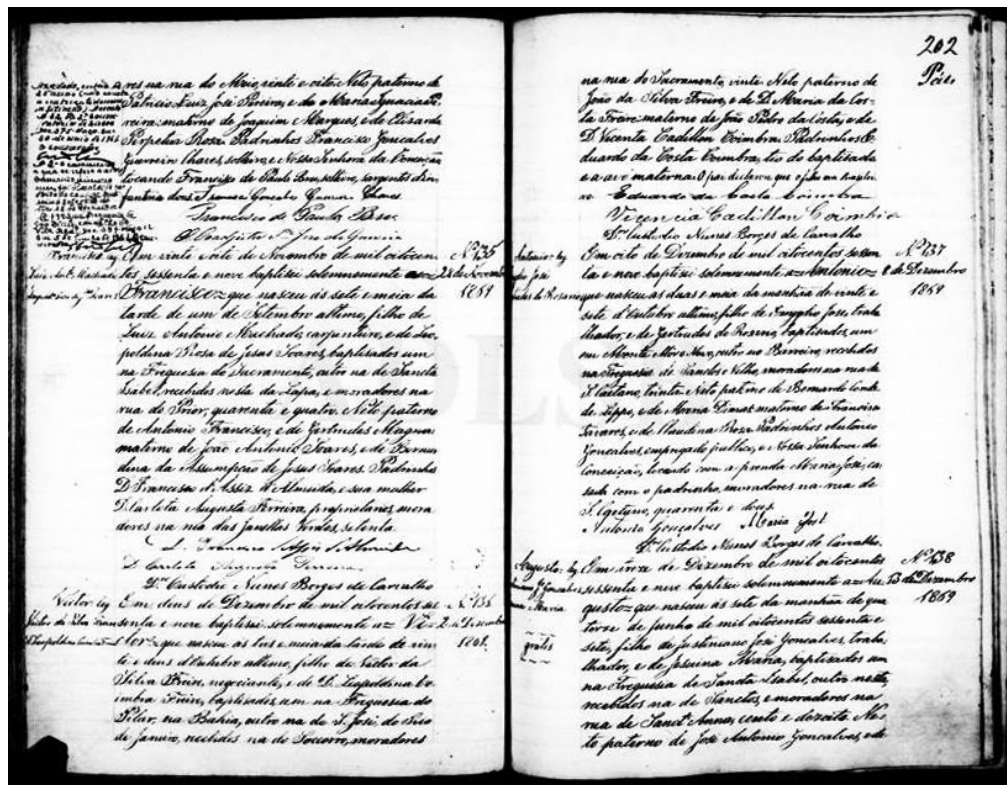


Figura 1 – Livro de Baptismo, Freguesia da Lapa: 1874, Lisboa.

Freire Júnior era filho de Victor da Silva Freire, negociante de profissão, batizado na freguesia do Pilar na Bahia, e de Leopoldina Coimbra Freire, batizada na freguesia de São José do Rio de Janeiro. Nos mesmos documentos, há referências de que a família Freire foi recebida na freguesia do Socorro, morando à data do batizado no número 20 da Rua do Sacramento em Lisboa. Victor Júnior era neto paterno de João da Silva Freire e de Dona Maria da Costa Freire, e neto materno de João Pedro da Costa e de Dona Vicência Cadilho Coimbra, tendo como padrinhos de batismo o tio Eduardo da Costa Coimbra e a avó materna. Quando estudante, Freire foi morador na Rua Nova da Palma, no número 166.¹¹

Efetuu-se uma consulta inicial aos Livros de Registro de Vistos em Passaportes¹² e Livros de Registros de Passaportes,¹³ com o fito de verificar se Victor da Silva Freire Júnior era detentor de passaporte português, se efetuara pedidos de visto para deslocamentos ao estrangeiro e, em caso afirmativo, se o fizera como cidadão português ou como cidadão brasileiro. A pesquisa dos vistos tem ainda por objetivo determinar o ano de entrada e saída de Portugal de toda a família Freire. No entanto, ainda não foi identificado nenhum registro de visto para qualquer membro da família Freire, emissão de passaporte ou visto para Victor da Silva Freire Júnior.

Percurso Acadêmico (Instrução Primária e Liceu)

No processo individual de aluno, além do certificado de batismo anteriormente citado, constam o pedido de matrícula,¹⁴ os certificados de habilitação de Instrução Primária¹⁵ e o de Liceu,¹⁶ e o requerimento com o pedido de passagem da classe de voluntário do curso geral para a classe ordinário.¹⁷

No documento de inscrição, preenchido em 10 de outubro de 1885, Victor da Silva Freire Júnior fez os pedidos de matrícula na 1ª e na 5ª cadeira e no 1º ano de Desenho, anexando os documentos acima referidos (à exceção do requerimento para a classe de ordinário), como prova da sua habilitação para o ingresso na Escola Politécnica.

Segundo os certificados emitidos pelo Liceu Central de Lisboa,¹⁸ pode-se constatar que Victor Freire Júnior fez o exame final de Instrução Primária em 1877, sendo aprovado com 13 “valores”. Posteriormente, fez o exame final e foi aprovado para as disciplinas de Francês em 1880, do 3º e do 4º ano de Desenho em 1883, de Ilustração em 1884, de Literatura, Matemática Elementar e Legislação, em 1885.

57

Percurso Acadêmico na Escola Politécnica

O pedido de matrícula de Victor da Silva Freire Júnior é aprovado, permitindo assim seu ingresso no curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica de Lisboa, em 1885. Para confirmar sua admissão e obter mais dados sobre seu percurso acadêmico e biográfico, iniciou-se um levantamento e uma análise documental no Arquivo Histórico do Museu da Ciência de Lisboa.

As informações apresentadas nas tabelas a seguir foram obtidas após criteriosa pesquisa nos seguintes documentos: Livros de Disciplinas, Livros de Exames, Livros de Exames Finais e Livros de Matrículas, todos referentes ao período entre 1884 e 1892. Foram consultados ainda Programas de Disciplinas, Listagens de Docentes e Livros de Cartas de Cursos.

Tabela 1 – Disciplinas nas quais se matriculou (Ordem Cronológica):¹⁹

DISCIPLINA	CLASSE	DATA
Primeira Cadeira (Álgebra Superior e Geometria Analítica)	Classe de voluntário	10 de outubro de 1885
Quinta Cadeira (Física)	Classe de voluntário	10 de outubro de 1885
Primeiro Ano de Desenho	Classe de voluntário	10 de outubro de 1885
Primeira Cadeira (Álgebra Superior e Geometria Analítica)	Classe de voluntário	15 de setembro de 1886
Oitava Cadeira (Zoologia)	Classe de voluntário	25 de setembro de 1886

Segunda Cadeira (Cálculo Infinitesimal)	Classe de voluntário	15 de setembro de 1887
Quarta Cadeira (Astronímia)	Classe de voluntário	15 de setembro de 1887
Décima Cadeira (Economia Política)	Classe de voluntário	15 de setembro de 1887
Segundo Ano de Desenho	Classe de voluntário	15 de setembro de 1887
Cadeira de Química Orgânica	Classe de voluntário	20 de setembro de 1887
Terceira Cadeira (Mecânica)	Classe de voluntário	29 de setembro de 1888
Nona Cadeira (Botânica)	Classe de voluntário	29 de setembro de 1888
Geometria Descritiva	Classe de voluntário	29 de setembro de 1888
Química Orgânica	Classe de voluntário	29 de setembro de 1888
Quarta Cadeira (Astronomia)	Classe ordinário	02 de outubro de 1889
Sétima Cadeira (Mineralogia e Geologia)	Classe ordinário	02 de outubro de 1889
Geometria Descritiva	Classe ordinário	02 de outubro de 1889

Tabela 2 – Exames aos quais se submeteu e foi aprovado (ordem cronológica):

EXAMES	DATA	APROVAÇÃO	QUALIFICAÇÃO
Primeiro Ano de Desenho	21 de outubro de 1886	Aprovado com valor numérico 10	Suficiente
Quinta Cadeira	02 de julho de 1887	Aprovado com valor numérico 13	Suficiente
Oitava Cadeira	03 de julho de 1887	Aprovado com valor numérico 14	Suficiente
Primeira Cadeira	18 de outubro de 1887	Aprovado com valor numérico 10	Suficiente
Segunda Cadeira	25 de junho de 1888	Aprovado com valor numérico 10	Suficiente
Décima Cadeira	26 de junho de 1888	Aprovado com valor numérico 10	Suficiente
Análise Química e Química Orgânica	13 de julho de 1889	Aprovado com valor numérico 12	Suficiente
Geometria Descritiva (1ª parte)	18 e 19 de julho de 1889	Aprovado com valor numérico 11	Suficiente
Nona Cadeira	30 de julho de 1889	Aprovado com valor numérico 11	Suficiente
Sétima Cadeira	28 de julho de 1890	Aprovado com valor numérico 12	Suficiente
Geometria Descritiva (2ª parte)	26 2 28 de julho de 1890	Aprovado com valor numérico 10	Suficiente
Quarta Cadeira	17 de outubro de 1890	Aprovado com valor numérico 10	Suficiente

Tabela 3 – Exames Finais aos quais se apresentou:

EXAMES	DATA	APROVAÇÃO	QUALIFICAÇÃO
Sexta Cadeira	16 de julho de 1888	Aprovado com valor numérico 12	Suficiente
Segundo Ano de Desenho	30 de junho de 1888	Aprovado com valor numérico 10	Suficiente
Terceira Cadeira	03 de julho de 1889	Aprovado com valor numérico 10	Suficiente

Tabela 4 – Lista de Docentes das Cadeiras acima referidas entre 1885 a 1890:

DISCIPLINA	DOCENTES POR ANO				
	1885/86	1886/87	1887/88	1888/89	1889/90
I Cadeira	João Inácio do Patrocínio da Costa e Silva Ferreira (1ª turma). Antônio Francisco da Costa Lima (2ª turma)	João Inácio do Patrocínio da Costa e Silva Ferreira (1ª turma). Antônio Francisco da Costa Lima (2ª turma)	João Inácio do Patrocínio da Costa e Silva Ferreira (1ª turma). Antônio Francisco da Costa Lima (2ª turma)	João Inácio do Patrocínio da Costa e Silva Ferreira (1ª turma). Antônio Francisco da Costa Lima (2ª turma)	João Inácio do Patrocínio da Costa e Silva Ferreira (1ª turma). Antônio Francisco da Costa Lima (2ª turma)
II Cadeira	Augusto José da Cunha	Augusto José da Cunha	Augusto José da Cunha	Augusto José da Cunha	Augusto José da Cunha
III Cadeira	José Costa Silva Ferreira	Antônio Francisco da Costa Lima	Antônio Francisco da Costa Lima	Antônio Francisco da Costa Lima	Antônio Francisco da Costa Lima
IV Cadeira	Antônio Francisco da Costa Lima	José Maria da Ponte e Horta e Antônio Francisco Costa Lima	José Maria da Ponte e Horta	José Maria da Ponte e Horta	José Maria da Ponte e Horta
V Cadeira	Adriano Augusto da Pina Vidal (1ª Turma) e Carlos Augusto Morais de Almeida (2ª Turma)	Adriano Augusto da Pina Vidal (1ª Turma) e Carlos Augusto Morais de Almeida (2ª Turma)	Adriano Augusto da Pina Vidal (1ª Turma) e Carlos Augusto Morais de Almeida (2ª Turma)	Adriano Augusto da Pina Vidal (1ª Turma) e Carlos Augusto Morais de Almeida (2ª Turma)	Adriano Augusto da Pina Vidal (1ª Turma) e Carlos Augusto Morais de Almeida (2ª Turma)
VI Cadeira	Anto Augusto de Aguiar, Eduardo Burnay, José Bettencourt Rodrigues	Anto Augusto de Aguiar, Eduardo Burnay, José Bettencourt Rodrigues	Anto Augusto de Aguiar, Eduardo Burnay, José Bettencourt Rodrigues	Anto Augusto de Aguiar, Eduardo Burnay, José Bettencourt Rodrigues	Anto Augusto de Aguiar, Eduardo Burnay, José Bettencourt Rodrigues
VII Cadeira	José Maria Latino	José Maria Latino e Francisco Ferreira Roquete	José Maria Latino	José Maria Latino	José Maria Latino
DISCIPLINA	DOCENTES/ ANO	DISCIPLINA	DOCENTES/ANO	DISCIPLINA	DOCENTES/ANO
IX Cadeira	Conde de Ficalho e Fernando Matoso dos Santos	Conde de Ficalho	Conde de Ficalho	Conde de Ficalho	Conde de Ficalho
X Cadeira	Luís Almeida e Albuquerque	Luís Almeida e Albuquerque	Luís Almeida e Albuquerque	Luís Almeida e Albuquerque	Joaquim de Vasconcelos Gusmão
Cadeira de Geometria Descritiva	Alfredo Augusto Schiapa Monteiro de Carvalho	Alfredo Augusto Schiapa Monteiro de Carvalho, 1ª e 2ª parte	Luís Porfírio da Mota Pegado	Luís Porfírio da Mota Pegado	Luís Porfírio da Mota Pegado
Primeiro e Segundo Ano de Desenho	Alfredo Augusto Schiapa Monteiro de Carvalho	Alfredo Augusto Schiapa Monteiro de Carvalho	Alfredo Augusto Schiapa Monteiro de Carvalho	Alfredo Augusto Schiapa Monteiro de Carvalho	Alfredo Augusto Schiapa Monteiro de Carvalho
Análise Química e Química Orgânica	Agostinho Vicente Lourenço	Agostinho Vicente Lourenço	Agostinho Vicente Lourenço	Francisco Ferreira Roquete	Francisco Ferreira Roquete

Percurso Acadêmico na Escola Politécnica (notas finais):

No restante da documentação, que inclui o Livro de Registros de Prêmios Recebidos por Alunos da Escola Politécnica, Processos Disciplinares, Certificados de Habilitação e bibliografia recolhida sobre as comemorações do centenário da Escola, não foi identificada nenhuma entrada para o aluno Victor da Silva Freire Júnior, com exceção das fotografias ilustrativas (Fig. 2 a Fig. 5) presentes no artigo “Bons Tempos” e publicadas na revista comemorativa do centenário da Escola Politécnica de Lisboa, *A Polytechnica*.

Ganham especial importância as fotografias de grupo de 1887-1888 e 1888-1889 (Fig. 6), nas quais Freire está identificado, pois na documentação consultada não foram encontradas as listagens de alunos entre 1885 e 1890. Tais dados podem auxiliar o estudo das relações profissionais e acadêmicas de Freire estabelecidas durante os anos em que cursou a Escola Politécnica, o mesmo acontecendo com a identificação dos docentes das cadeiras que ele frequentou.

Família Freire em Portugal

No registro de batismo, o pai de Victor Freire Júnior é descrito como comerciante, portanto a consulta aos anuários comerciais poderá revelar-se pertinente para estudo da ligação da família Freire a Portugal e, mais concretamente, ao seu estabelecimento em Lisboa. Foram consultados os almanaques/anuários comerciais²⁰ de Lisboa entre os anos 1880 a 1892, nos quais não se identificou nenhuma entrada para Victor da Silva Freire (pai). Nos referidos documentos constam as listagens de “Negociantes Matriculados nos Tribunais Comerciais”, “Negociantes não Matriculados” e “Negociantes Estrangeiros”.²¹

Em uma segunda fase, e para melhor conhecer a ligação da família Freire com Portugal, será relevante debruçar-se sobre seus familiares presentes em Lisboa, especificamente sua madrinha e avó Vicência Cadillon e seu tio e padrinho Eduardo da Costa Coimbra, nascido no Brasil, porém casado com a portuguesa D. Maria da Madre de Deus Pereira Coutinho de Lacerda e Faro, filha do 5º Marquês de Soydos.

Do conhecimento à construção do território moderno²²

A investigação sobre a formação profissional de Victor da Silva Freire Júnior na Escola Politécnica de Lisboa e na ENPC em Paris não somente revelou a sua inserção em um fluxo de engenheiros na busca de especialização técnica e, muitas vezes, contemplados com bolsas de estudos, mas também grande número de outros profissionais brasileiros e portugueses (que vieram ao Brasil) com distintos perfis e atuações no território, além de uma quantidade de levantamentos de grandes proporções, nos arquivos da escola francesa, que tratam de algumas cidades, mais especificamente do estado de São Paulo e outras latino-americanas.

A sobreposição de dois percursos paralelos de investigação revela um fluxo formativo intenso, evidenciando clara expansão política da França na Europa, no Brasil e nas Américas, a partir dos denominados Corpos de Elite.

No caso específico de Portugal, o então Ministro das Obras Públicas, Fontes Pereira de Melo, assinou uma Portaria em 9 de outubro de 1855 que ratificava esse fluxo, estabelecendo a abertura de concurso para a contratação de três engenheiros a serem enviados como pensionistas do Estado. No total, dezesseis candidatos apresentaram provas documentais para avaliação pelo Conselho de Obras Públicas. É importante frisar que, a partir dessa portaria, o fluxo de pensionistas para Paris tornou-se uma prática habitual.

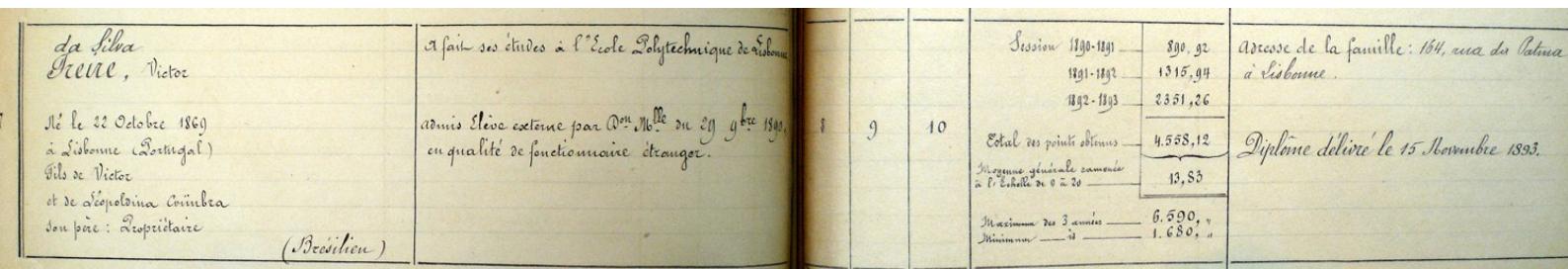


Figura 6 – Registro de Victor da Freire Júnior no Livro de Registros dos *élèves externes* – 1879 a 1899: Arquivo da ENPC, 1899, Paris.

Para assegurar o funcionamento da entidade, a formação desses profissionais não deveria se limitar apenas ao ensino teórico das escolas, mas projetar-se na experiência dos locais de trabalho, como única forma de enfrentar os rápidos progressos científicos, assim como a rápida especialização no campo da Engenharia.

Os sinais da conscientização sobre a importância do território e seu conhecimento, não só do ponto de vista fiscal mas também do econômico e da mobilidade, assim como a comunicação de todas as obras efetuadas no estado de São Paulo e no Brasil, aparecem nos anais publicados do *Bulletin Association Amicale des Ingénieurs Anciens Élèves de L'École des Ponts et Chaussées de France*, a partir das correspondências enviadas pelo engenheiro Arthur Alvim que, sistematicamente, coletava dados, notícias e informações com notável grau de detalhamento.

A relação com a tradição técnico-formativa das escolas de engenharia, principalmente as francesas, concretiza-se através da prática de envio dos engenheiros aspirantes para se instruírem naquele país. Por sua vez, na segunda metade do século 19, com a política de Napoleão III de ocupar territórios/países estrangeiros, tanto os novos Estados da Europa Oriental quanto a América do Sul e Ásia,²³ ampliam-se as disposições favoráveis aos “*auditeurs étrangers*”, ou ainda aos “*élèves externes*”²⁴ por parte da *École de Ponts et Chaussées*, conforme dados encontrados nos registros de alunos:

Tabela 5 – Registros dos *élèves externes* – 1851 a 1879:

Ano	Brasileiros		Portugueses		Sul-americanos	
	Nome	Pag.	Nome	Pag.	Nome	País
1851						
1852			Ferraz	1		
1853			Guimaraens	2		
1854	De Souza Brito	6	Sampayo	5		
1855			Ribeiro	6		
1856	Campello	9	D' Abreu	8		
Monteiro	11	Fontana	10			
		Do Rego	11			
1857						
1858						
1859	Pessoa de Barros	20	D' Espargueira	19		
1860	D' Oliveira	22	Barbosa	21		
		Lopes	21			
		De Souza	22			
		Oliveira	23			
1861	Bicalho	26				
1862	Cavalcanti	27				
1863						
1864			De Carvalho	32	Canavaco	Peru
		Cordeiro	32			
		Guerreiro	34			

1865	Calaça Fco	36				
1866			Garcia	36		
1867						
1868						
1869						
1870					De Furtado	Colômbia
1871						
1872						
1873						
1874					Vella Neda	Peru
1875						
1876						
1877	Vianna	66				
Van Erven	69					
1878			D' Oliveira	72		
1879		x				
Da Silva Freire	77					

Tabela 6 – Registros dos *élèves externes* – 1879 a 1899:

Ano	Brasileiro		Português		Sul-americano		
	Nome	Pag.	Nome	Pag.	Nome	Pag.	País
1880	Alvim		Vianna, M. Pereira	285		280	Colômbia
			Barbosa	290			
1881							
1882			Guerreiro de Castanho	328			
1883	Amaral	334					
	Nobrega	338					
1884		354					
1885	Oliveira						
1886	Godoy	394					
	Souza Bahiana	400					
1887	Amaral (lucio)	409					
1888			Fontoura	452			
			Vianna Manuel	453			
1889			D' Abreu	470		473	Chile
			De Mauriac	471			
1890	Alves		Da Silva Freire	491			
1891	Souza Brandão	563					
1892	Nóbrega						
1893			Arnthal	550		642	Argentina

1894							
1895							
1896							
1897			Souza Gomes	600		601	Argentina
						637	Colômbia
1898							
1899							



Figura 7 – Foto de Formatura de Vitor da Silva Freire e sua turma na ENPC: Arquivo da ENPC, 1893-1894, Paris.

64

Vale ressaltar que a admissão dos *élèves externes* na ENPC representa uma mudança substancial na política administrativa da Instituição. Se, num primeiro momento, há profissionais alinhados com as práticas ligadas ao nascimento do território moderno e a implantação de grandes equipamentos de impacto estrutural como estradas de ferro, barragens, pontes e portos, num segundo, há profissionais mais generalistas, com o início de uma reflexão sobre as teorias da arquitetura e da cidade racional. Isso pode ser notado na elasticidade intelectual das problemáticas abordadas por Freire Jr., pois, além de seus textos conhecidos e extremamente debatidos sobre urbanismo, ele lança a pedra fundamental da ciência da Engenharia de Avaliações no texto intitulado “Avaliação de Terrenos” (1941), trazendo um novo entendimento sobre a cidade de São Paulo.

Nos Anais da *École des Ponts et Chaussées*,²⁵ entre 1831 e 1945, verificou-se grande número de profissionais brasileiros, latinos e norte-americanos ou ainda de estrangeiros que vieram para o Brasil com diversos perfis e diferentes formas de atuação no território. Esses profissionais envolveram-se em projetos que evidenciam claramente o nascimento do território moderno (território produtivo), com projetos *d'aménagement* e grandes equipamentos de impacto estrutural

como as estradas de ferro (Plano Bicalho), barragens, pontes e portos, ou como no caso do engenheiro Louis-Léger Vauthier (1815-1901) no Recife, e do português Victor da Silva Freire Júnior (1889 - 1891), em São Paulo (Fig. 8 e Fig. 9).

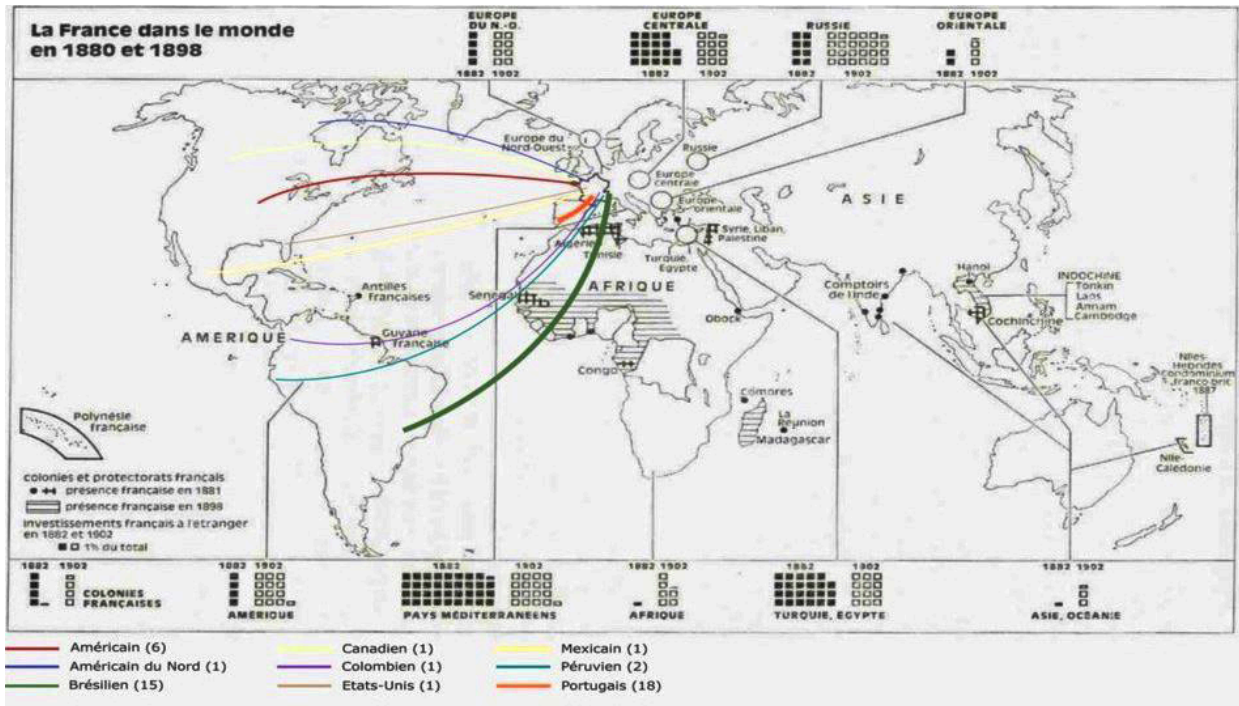


Figura 8 – Fluxo dos Engenheiros da ENPC para as Américas na base do Mapa *La France dans le Monde en 1880 et 1898*:²⁶ RETTO JR., A. da S. (2003). Escalas de modernidade: estudo de uma estrutura urbana. Tese de doutoramento apresentada à FUAUSP.

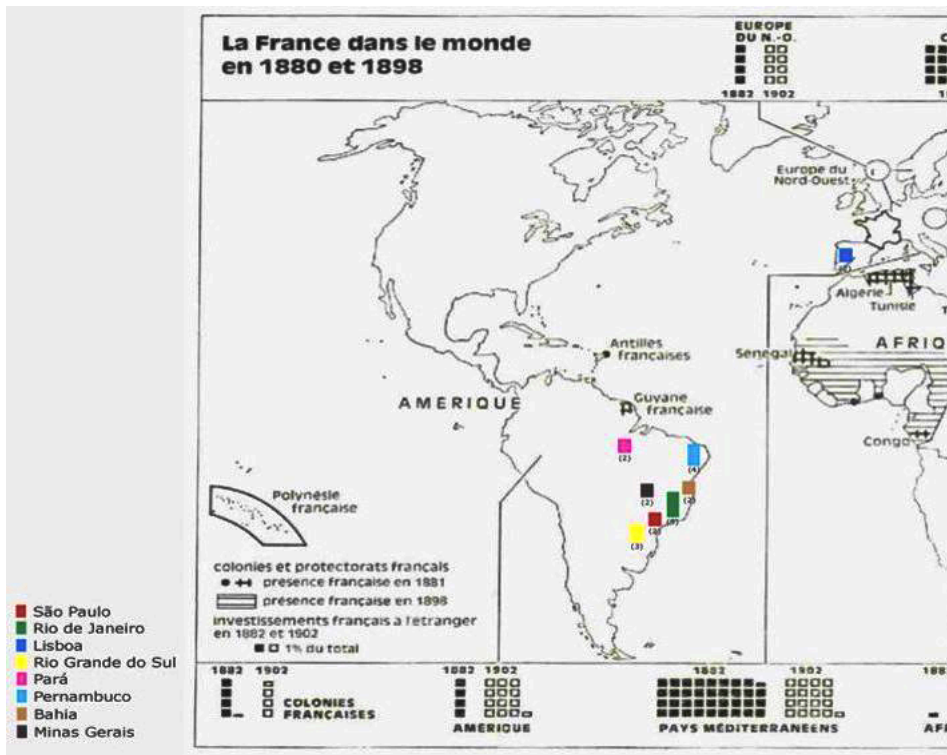


Figura 9 – Fluxo dos Engenheiros da ENPC no Brasil na base do Mapa *La France dans le Monde en 1880 et 1898*:²⁷ RETTO JR., A. da S. (2003). Escalas de modernidade: estudo de uma estrutura urbana. Tese de doutoramento apresentada à FUAUSP.

Registros encontrados expõem a participação de alguns de nossos profissionais em congressos internacionais de urbanismo, congressos setoriais e em exposições internacionais, inclusive nos *Congrès de Chemin de Fer*, *Congrès de la Route*, apresentando experiências desenvolvidas e obras em execução no Brasil. O próprio Freire participou como *Delegate for the City of São Paulo – Brazil*, no *First International Congress – Gant*, em 1913, como registrado nas Atas do Congresso e, em 1926, apresentou o trabalho “*Développement et aménagement des villes dans l’intérêt de la circulation*”, no Congresso de Milão.

A tudo isso, vale a pena acrescentar outra série de publicações de grande interesse que permite refletir sobre os canais de informação a respeito de fontes econômicas, rede ferroviária, serviços e dos próprios dispositivos de planejamento disponíveis nas grandes cidades e o volume de escritos destinados aos imigrantes. O grande número de guias do Brasil editados na Itália²⁸ com esta finalidade supõe que esse gênero literário possa ter tido sucesso também em outros lugares (na Argentina, na Venezuela, no Uruguai) e que mereça um estudo *ad hoc*.

Nesse cenário, como primeira hipótese, pode-se concluir que a conjuntura que trouxe Freire Jr. ao Brasil foi basicamente a mesma que fez com que ele fosse de Lisboa a Paris: um percurso complementar, no contexto da política de fomento das obras públicas no âmbito internacional. Foi a partir desse contexto que surgiu a decisão portuguesa de colmatar as deficiências ainda existentes na formação dos engenheiros, enviando alguns recém-formados nas escolas do país para completarem seus estudos em instituições estrangeiras, principalmente na ENPC de Paris que, na época, era uma das escolas francesas de engenharia com maior prestígio no âmbito europeu.

Protagonizados pelos corpos de elite – os “engenheiros modernos” – os novos atores da modernidade deveriam se ocupar da construção de infraestrutura de transporte e retificação de vias, atuando no ordenamento territorial do Estado, nos terrenos agrícolas, nas cidades, bairros e lotes urbanos, encarnando os valores do progresso por meio de processos técnicos com o fito de conhecer o território. Tal foi a atuação da Comissão Geográfica e Geológica Brasileira que, a partir do conhecimento da cidade por especialidades (estratos), efetivou seu poder de ação²⁹ na formação do que poderíamos denominar de “território moderno”³⁰ ou “*territoire productif*” (PICON, 1988, p. 195).³¹

É fato que, uma das primeiras medidas tomadas para a atualização da metrópole portuguesa está na contratação, ao longo do século 18, de um grupo de engenheiros militares e no envio de uma leva significativa desses profissionais ao Brasil. Sabe-se também, como constatado nas reclamações de Morgado de Mateus,³² que havia uma grande carência de engenheiros nas capitâneas periféricas e, principalmente, naquelas que demandavam um saber específico, como o de construir pontes – atribuição somente incorporada com o curso específico de “pontes e estradas” criado na Escola Central (1858) e, depois, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1874). Todavia, imbuído na construção do agenciamento da territorialização do Império para estabelecer e desenvolver uma rede urbana no Brasil além da faixa litorânea,³³ como retratado nos trabalhos arquivados e fixados pelas novas instituições, o novo profissional possuía também o conhecimento de dispositivos de controle e organização do espaço urbano e territorial, a partir de uma multiplicidade de técnicas e linguagens dotadas de lógicas próprias como as topográficas, estatísticas, de levantamentos, dos exercícios das funções administrativas e profissionais.

O engenheiro português Victor da Silva Freire Júnior e o debate urbano em São Paulo

À luz de um processo mais amplo, o entendimento do debate urbano paulista permite afirmar que São Paulo testemunhou uma discussão paralela, da qual nosso personagem é um dos protagonistas: enquanto no Rio de Janeiro e Belo Horizonte a discussão urbana assumia claramente o viés cultural e programático das cidades capitais do século 19, São Paulo inseria-se no grupo de países onde encontraram eco o naturalismo histórico de John Ruskin e as teorias do austríaco Camillo Sitte. Apresentando exemplos das transformações de Munique, de Theodor Fischer

e de Dessau, de Carl Henrici – retirados da obra de Sitte na sua tradução de Camille Martin (1902) –, Freire faz uma grande crítica à uniformidade e linearidade das transformações haussmannianas, ratificando assim, as diferenças de escala de cada proposta.

Nos textos “Melhoramentos da Capital”(1911) e “Cidade Salubre”(1914), Freire explicita uma clara rejeição ao modelo, através de uma série de exemplos constituindo um “*longo inventário*” para “ilustrar soluções adotadas ou a serem adotadas, fornecendo um método de prefiguração”, característico da época como esclarece Calabi.³⁴ Para Freire, as figuras de Camillo Sitte e a de Charles Buls tratam de distinguir e encontrar critérios no sentido de reconhecer características locais que se transformam em protagonistas, capazes de refletir a substância do desenvolvimento cultural.

Nesse âmbito, vale destacar o programa do Congresso de Agudos (melhor explicitado abaixo) que, ao examinar os processos de circulação dos dois lados do Atlântico, explorou referências a técnicos, textos e projetos. Um primeiro grupo de estudos centrou-se nas Biografias, examinando trajetórias e itinerários de personagens que se apoiavam nas ideias de Sitte e da estética urbana em nossas latitudes. Em contraponto, mediante instrumentos da história cultural, foram investigados livros, noções, iconografia e traduções, recuperando fragmentos utilizados como estratégias de legitimação por “intérpretes locais”. Um segundo grupo de estudos de Projetos foi analisado como forma de intercâmbio material da cidade por meio das propostas em termos de “pensamento possível” e nos permite lidar com a colisão entre a busca de uma estética urbana de matriz pitoresca e uma cidade que, em sua expansão, poderia perder definitivamente suas formas e seus limites.

É aí que se destaca o debate em torno do projeto para o Parque do Anhangabaú, de cuja defesa Victor Freire Jr. participa na Secretaria de Obras. A peculiaridade topográfica paulista dificultava a criação de uma “*croisées*” passando pela área central da cidade, colocando as áreas contíguas ao Centro – as várzeas – como prioridade nas transformações e discussões sobre uma ampliação da cidade. Logo, a ambiguidade da inserção da área alvo do projeto que, para muitos historiadores, marcaria o início do urbanismo em São Paulo (uma chácara que agora era uma área interna à cidade), iria desencadear uma disputa pela competência de quem legislaria sobre o local escolhido: de um lado, o Estado que, com o advento da República, tem uma grande concentração de poder; e de outro, o Município.

67

Assim, para beneficiar-se do suporte financeiro do Estado, estas “*percées*” deveriam ser parte integrante da viabilidade regional, como explicitado no projeto do Governo do Estado, elaborado pelo engenheiro Samuel da Neves, contratado pela Secretaria da Agricultura. O projeto valorizava as articulações tentaculares com os portos agroexportadores a leste e a oeste, com as Minas Gerais e as cidades produtoras do café. Seria a “Avenida Central”, com uso comercial que se estenderia desde a Avenida Tiradentes até a Avenida Paulista, promovendo a ligação entre as estações ferroviárias e os bairros da zona oeste, passando à jusante da área central, antevendo a ligação com a Avenida Nove de Julho, posteriormente executada, possibilitando a articulação norte-sul. Tal projeto foi levado a público pelo Correio Paulistano, edição de 23 de janeiro de 1911, e é citado com destaque no suplemento da *Rivista Italia e Brasile* (no 6, 1912).

Mas o viés centrífugo do projeto denominado Freire-Guilhem (que se refere à proposta do Vereador Augusto da Silva Telles), incorporando o “circuito exterior”, dá ênfase na cidade como espaço unitário e organismo coerente e, ao mesmo tempo, consolida o poder de ação municipal. Victor Freire Jr. recorre ao livro do engenheiro Arthur Vierendeel (*Tracé des Rues et Places Publiques*, 1905), professor da Université de Louvain, para explicitar e esclarecer a escala adotada.

É verdade que os «Melhoramentos da Capital» não se resumiram nas propostas projetuais para o Vale do Anhangabaú. Mas a tônica das avenidas centrais embalava as transformações do Rio de Janeiro e de São Paulo e, apesar do foco central serem as várzeas, a discussão em torno do Vale do Anhangabaú assumiu o centro do debate, por meio do loteamento de um terreno privado altamente valorizado, levando ao surgimento de novos e grandes proprietários.

Porém, o instrumento conceitual que permite, nos “Melhoramentos da Capital”(1911), que Freire destaque a cidade antiga da nova área urbanizada - denominada “cidade nova”, é justamente aquele de procurar a sua compatibilidade. A narrativa de Vítor da Silva Freire Jr., elaborada um ano após a *Town Planning Conference de Londres* (1910), acrescenta outra problemática, pois, ao explorar a nova articulação, acaba estabelecendo outra que se superpõe à primeira:

ao conceber quase um percurso processional (de procissão) à cidade de pedra hierarquizada, ao mesmo tempo, lugares sagrados e valores cívicos sobre a mesma superfície. O “circuito exterior”, numa explícita relação com a *Ringstrasse* vienense, constitui um percurso “cinemático” que se articula em torno das redes técnicas e de transporte, que já estão inseridas nas redes mais vastas, regionais e territoriais de infraestrutura.

Considerar que a expansão na direção oeste se constitui numa verdadeira continuidade do Centro, e não numa simples ligação com uma faixa de tipo periférica e que, nesse contexto, efetivar-se-ia a abertura de uma articulação na direção norte-sul, inserindo o projeto a outra estrutura que já acompanhava o sentido do crescimento urbano: assim, ratifica-se a escala pontual de resolução do projeto de Freire e Guilhem, afirmada por ocasião de sua conferência em Milão, no *V Congrès International de La Route – 1926, intitulada Développement et aménagement des villes dans l'intérêt de la circulation*.

Dessa forma, o termo urbanismo, por ele empregado em 1916 em texto questionando a “Planta de Belo Horizonte”, não assume a típica composição eclética de uma geometria global, mas estabelece a relação entre a escala da paisagem e a silhueta das construções (daí a recorrência do conceito grego de simetria), na composição de uma cidade na qual a relação entre forma e dimensão “deve ser valorizada segundo considerações de natureza ótica”. Essa dupla transformação na gestão do território realiza a passagem de uma imagem natural àquela de “representação” que, para os arquitetos, se traduz na noção de “*caractère*”, versão “*parlante*” da “*convenance*” clássica, e primeira expressão da função recuperada pelos engenheiros na produção de equipamentos de infraestruturas urbanas e territoriais.

À guisa de conclusão

68

À luz dessa documentação encontrada em arquivos fora do Brasil, aceitou-se a recomendação da Profa. Donatella Calabi e de Heleni Porfyriu para participar da série de três congressos que seriam realizados para celebrar o centenário de morte de Camillo Sitte e o lançamento da Revista *Der Städtebau*. Terceiro da série iniciada em novembro de 2003 em Viena e seguido pelo de Veneza em janeiro de 2004, o Congresso de Agudos “Camillo Sitte e a circulação das ideias em estética urbana: Europa e América Latina: 1880 – 1930” objetivou explorar não apenas a recepção em terras latino americanas das ideias *sitteanas*, das quais Victor Freire Jr. é um dos protagonistas, mas também de reposicionar alguns profissionais e cidades no mapa da circulação dos saberes e a difusão de suas obras nas Américas, mais especificamente na Latina, utilizando-se daquilo que os organizadores do evento denominaram “declinações nacionais”.

Dessa forma, Camillo Sitte, Charles Buls, Raymond Unwin, Werner Hegemann, Albert Brinckmann, Thomas Mawson, Patrick Geddes, Augustin Rey, Francisco Saturnino de Brito, Victor da Silva Freire Júnior, Francisco Prestes Maia e Karl Brunner compuseram um cenário mais alargado de personalidades vinculadas ao debate urbano do período em questão. Do mesmo modo, termos como *Stadtbaukunst*, *Art de bâtir les villes*, *Civic Art*, *Arte Urbana*, *City Beautiful*, *Art Public*, *Arte di costruire la città*, *estética edilizia*, embelezamento e melhoramentos são, em geral, usados com a finalidade de definir e expressar a dimensão estética das cidades, confrontada com estudos de caso de âmbito nacional. Enfim, uma reflexão internacional sobre a circulação de ideias em relação à estética urbana, reflexão que parece estar na origem de uma preocupação difusa com o projeto urbano como esforço artístico.

Nos últimos anos, o intercâmbio de profissionais e de modelos entre Europa e América foi objeto de múltiplas interpretações. Pouco a pouco, esses matizes foram ganhando protagonismo graças a novas visões, surgidas a partir de trabalhos que estudaram “transferências e traduções”, em vez de “exportação-importação”. Sua intenção explícita era a de “colocar a periferia no centro” e, sobretudo, explorar as intrincadas redes de circulação de ideias subjacentes na construção dos saberes e práticas do urbanismo. Há alguns anos, o arquiteto e professor Carlos Roberto Monteiro de Andrade da IAU-USP-São Carlos propôs que se examinasse, em termos de “ressonâncias”, as leituras de Sitte feitas pelo engenheiro sanitário brasileiro Saturnino de Brito. Em “Ressonâncias sitteanas no urbanismo brasileiro”, Monteiro de Andrade retoma o assunto, abrindo uma nova janela: mostra o uso “seletivo” como referências de vozes

internacionais de autoridade e prestígio, como é o caso da reiterada menção aos propósitos de Sitte, assim como o “papel da legitimação” – ainda recuperado em argumentações antagônicas – que adquire essa “apropriação” como estratégia de combate nos debates locais.

No entanto, muito ainda merece ser estudado, em especial o diálogo com outros personagens-chave de nossa história urbana como Saturnino de Brito, Francisco Prestes Maia ou Luís Inácio Romeiro de Anhaia Mello entre outros. Além deles, a pesquisa reclama os nomes dos atuantes em projetos de parques como Joseph-Antoine Bouvard, Adolphe Alphand ou Jean-Claude Nicolas Forestier ou mesmo os docentes nas escolas de engenharia, que também desempenharam importante papel para os profissionais sul-americanos.

Recentemente, as lições de Camillo Sitte foram recuperadas como uma espécie de grade metodológica, capaz de explicar as características das arquiteturas que emprestam qualidades visuais à paisagem, no contexto da ligação arquitetura e cidade, e acenderam debates sobre “projetos” urbanos e “espaços públicos”, colocando mais uma vez a necessidade de restaurar a dimensão histórica e identificar os próprios “anacronismos” das traduções no tempo. A tudo isso, enfim, valeria a pena reforçar a importância das pesquisas de cunho internacional entre universidades dos vários continentes, de modo a fazer com que documentos inertes em arquivos fora do Brasil falem para, assim, abrir novas perspectivas de trabalho comum e um debate que envolva a todos, aquém e além do Oceano.

Notas e referências bibliográficas

Adalberto da Silva Retto Jr possui pós-doutorado no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, Itália (2007). É Doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e pelo Departamento de História da Arquitetura e Urbanismo do Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza (2003). Atua como Professor de Desenho Urbano e História do Urbanismo na Universidade Estadual Paulista Unesp, campus de Bauru. Foi Professor Visitante no Master Erasmus Mundus TPTI (*Techniques, Patrimoine, Territoire de l'Industrie: Histoire, Valorisation, Didactique*) da Université Panthéon Sorbonne Paris I. Representante da Unesp no Condephaat Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de SP (2015 e 2016).

- 1 A pesquisa nos Arquivos Europeus deu-se em dois momentos: Doutorado sanduíche FAU-USP – IUAV di Venezia (Orientação Profa. Dra. Cristina Leme e Donatella Calabi); Bolsa de Pós-Doutorado Fapesp – 2007 como parte do Projeto Temático Fapesp sob Coordenação Profa. Dra. Maria Stella M. Bresciani: “Saberes eruditos e técnicos na configuração e reconfiguração do espaço urbano. Estado de São Paulo, séculos XIX e XX”. A pesquisa nos arquivos de Lisboa foi feita com a ajuda da Profa. Ana Cardoso de Matos da Universidade de Évora e do doutorando Alexandre Ramos.
- 2 ANGOTTI-SALGUEIRO, H. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997. p. 14.
- 3 SIMÕES JUNIOR, J. G.. *O setor de obras públicas e as origens do urbanismo na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: EAESP/FGV, 1990.
- 4 ANDRADE, C. R. M. *Le pittoresque et le sanitaire. Sitte, Martín, Brito, traductions et métamorphoses de savoirs professionnels (1889-1929)*. Revista Genèses, v. 22, p. 64-86, 1996.
- 5 MATOS, A. C.; Diogo, Maria P. *From the École des Ponts et Chaussées to Portuguese Railways: the transfer of Technological knowledge and practices in the second half of the 19th century*. In *From the École des Ponts et Chaussées to Portuguese Railways: the transfer of Technological knowledge and practices in the second half of the 19th century, 77 - 90*. Lisboa: AIHC/CEHCP-ISCT-IUL, 2009.
- 6 CALABI, D. *Storia dell'urbanistica europea*. Milano: Bruno Mondadori, 2004. p.152.
- 7 BRAUDEL, F. “Ecrits sur l’Histoire” (1969). Tradução portuguesa: *Escritos sobre a História*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1969 ou 1949.
- 8 Levantamento documental realizado no Arquivo Distrital de Lisboa, no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo e no Arquivo Histórico do Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.
- 9 Livro de Baptismo, Freguesia da Lapa, Lisboa, 1874.
- 10 Processo Individual de aluno Victor da Silva Freire Júnior – Cópia Certificada de Assento de Baptismo, 1874.
- 11 Escola Politécnica de Lisboa. Livro de Inscrição de Alunos.
- 12 Inclui vinte séries documentais relativas ao registro de passaportes, registros de vistos em passaportes, registros de vistos em passaportes estrangeiros, registros de autorizações de residência, requerimentos de autorização para excursões ao estrangeiro, requerimentos de passaportes, requerimentos indeferidos de excursões ao estrangeiro, requerimentos de averbamentos de passaportes, requerimentos indeferidos de passaportes, relação de passageiros, relação de passaportes emitidos, relação de passaportes indeferidos por outros governos civis, termos de abonação para aquisição de passaportes, termos de identidade para aquisição de passaportes, instruções relativas à concessão de passaportes, estatística de passaportes, requerimentos arquivados de passaportes, requerimentos de autorização de residência, registros de requerimentos de passaportes e processos de passaportes.
- 13 Livros de Registro de Passaporte Concedidos a Portugueses.

- 14 Processo Individual de aluno Victor da Silva Freire Júnior – Pedido de Matrícula.
- 15 Processo Individual de aluno Victor da Silva Freire Júnior – Certificado de Instrução Primária.
- 16 Processo Individual de aluno Victor da Silva Freire Júnior – Certificado de Habilitações do Liceu Central de Lisboa.
- 17 Processo Individual de aluno Victor da Silva Freire Júnior – Requerimento com o pedido de passagem da classe de voluntário do curso geral para a classe ordinário.
- 18 Processo Individual de aluno Victor da Silva Freire Júnior – Pedido de Matrícula - Instrução Liceu.
- 19 Livros de Matrículas e Exames da Escola Politécnica de Lisboa nº 13, p. 443 e nº 14, p. 306.
- 20 Empresa Literária de Lisboa, *Almanache Burocratico e Comercial da Empreza Litteraria de Lisboa*. Lisboa, 1883-1890.
- 21 CAMPOS, C. A. da S., *Almanache Comercial de Lisboa*. Lisboa: Typographia Universal, 1880-1891.
- 22 Levantamento documental realizado nos arquivos da Escola Politécnica de Lisboa e École Nationale des Ponts et Chaussées (ENPC) de Paris.
- 23 Sobre a política francesa no estrangeiro, ver GUILLEN, P. *L'Expansion 1881-1898. Collection Politique Étranger de la France* (1871-1969). Paris: Imprimerie Nationale, 1985.
- 24 O universo intelectual dos “*élèves externes*” é um ponto relevante dentro da história da ENPC. Sobre a legislação concernente aos estudantes externos, ver os *Bulletin des Anciens élèves de L'École des Ponts et Chaussées de France (1883 - 1920)* e *Annales des Ponts et Chaussées de (1831- 1920)*: KARVAR, A. *Les élèves étrangers. Analyse d'une politique*. Em: BELHOSTE, B.. MASSON, F. & PICON, A. (orgs.). *Le Paris des Polytechniciens: Des ingénieurs dans la ville 1794-1994*. Collection Paris et son Patrimoine. Paris: Délégation à l'Action Artistique de la Ville de Paris, 1994.
- 25 RETTO JR., A. da S. *Escalas de modernidade: estudo de uma estrutura urbana*. Tese de doutoramento. São Paulo: FAU/USP, 2003.
- 26 Idem.
- 27 Idem.
- 28 Rivista Italia e Brasile. *Stato di San Paolo: relazione sulla amministrazione dello Stato nel quadriennio 1905-1912, presentata dal Presidente Dr.M.J.Albuquerque Lins al suo successore Cons.Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves; e messaggio inviato da questi al Congresso Legislativo Statale il 14 luglio 1912 in occasione dell'apertura della sessione annual*”. Supplemento al Fascicolo, n. 6, 1912. FRESCURA, B. *Itinerari attraverso lo Stato di San Paolo*. Genova, 1904. FRESCURA, B. *Guida dello Stato di S.Paolo nel Brasile*. Piacenza: Stab.d'Arti Grafiche G.Favari di Dante Foroni. Genova, 1904.
- 29 Ver FICHER, Sylvia. *Ensino e profissão: o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1989. 1º vol.; SIMÕES JUNIOR, J. G.. *O setor de obras públicas e as origens do urbanismo na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: EAESP/FGV, 1990.
- 30 ALLIES, P. *L'invention du territoire*. Collection Critique du Droit 6. Grenoble: Presses Universitaire de Grenoble, 1980.
- 31 PICON, A. *L'invention de l'ingénieur moderne. L' École des ponts et chaussées 1747-1851*. Paris: Presses des ponts et chaussées, 1992; CHATZIS, K. *La pluie, le Métro et l'ingénieur, Contribution à l'histoire de l'assainissement et des transports urbains (XIXe-Xxe siècles)*. Paris: L'Harmattan, 2000.
- 32 “(...) Tornei a hir ver as fortalezas, e ainda q'não está em amo estado aquillo q'[assy] há tudo he couza mto limitada: Para se fazer o q. devia ser, seria preciso mtas despesas emto tempo, porem em alguns citios onde há necessidade queria eu fazer algumas pequenas obras, mas não acho aqui quem as possa deliniar. [Parágrafo 2º] Pondo na preze V.E e da falta, para q V.Exa veja se haverá algum remedio, por não ficar totalmente esta dispozição, ao arbitrio de minha curiosidade (...)” [copia da Carta de Morgado ao Conde de Cunha 14/08/1765] (RIHGB, 1957: documento 2262).
- 33 ROSA, W. *No primeiro dos elementos: dados para uma leitura sintética do Urbanismo e da Urbanística Potugueses da Idade Moderna*. In: *Oceanos, A construção do Brasil Urbano*. *Oceanos*, 41, 8-21, CNCDP, Lisboa, 2000.
- 34 CALABI, Donatella. *L'arte urbana e i suoi teorici europei*. Em: ZUCCONI, Guido (org.) *Camillo Sitte e i suoi interpreti*. Milano: FrancoAngeli s.r.l., 1992, pp.42.

[Artigo recebido em Fevereiro de 2018. Aprovado para publicação em Julho de 2018]